

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
MALAMOR / TAINTED LOVE- REALIZADORES CONVIDADOS: JOÃO PEDRO RODRIGUES E JOÃO  
RUI GUERRA DA MATA  
COM A BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas  
13 de setembro de 2025

**Pica Pica / 1987**

Um filme de MIKAEL KRISTERSSON

*Realização, argumento, montagem, direção de fotografia e som:* Mikael Kristersson.

*Produtores:* Mikael Kristersson, Bengt Linné, Lisbet Gabrielsson / *Produtoras:* Picafilm, Sveriges  
Televison-Malmö, Svenska Filminstitutet / *Cópia:* 35mm, colorida, sem diálogos / *Duração:* 96  
minutos / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.*

---

**Pica Pica** é apresentado em “double bill” com **O Ornitólogo**, de João Pedro Rodrigues (“folha”  
distribuída em separado). Entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 10 minutos.

---

**Pica Pica** é um filme com uma ambição simples. Durante uma hora e trinta e seis minutos, o público é convidado a contemplar, apenas. As poucas conversas *en passant* que possam ser ouvidas ou os letreiros indicativos que surgirem (sempre em sueco) são meras camadas da paisagem e não pistas a seguir com atenção. A proposta do filme é bem mais ampla. A câmara de Mikael Kristersson é puramente observacional (um modelo de cinema com longa história e ramificações), que funciona, como Bill Nichols diria, qual «fly on the wall» – exceto que, aqui, estamos ao ar livre. O *voyeurismo* inerente ao cinema, e parte essencial da experiência e do prazer do espectador, é direcionado a uma comunidade de pegas-rabudas, ou pegas-rabilongas. Este é o nome corriqueiro desta ave da família dos corvos (corvídeos, se formos rigorosos), assim apelidada pela magnífica cauda alongada e cuja nomenclatura binomial dá nome ao filme: *pica pica*. A câmara é a metafórica mosca que vai olhando para os hábitos quotidianos de um bando que vive, caça, faz a manutenção do ninho, dorme e grasna numa zona circunscrita de Vällingby, um subúrbio a oeste de Estocolmo.

O amor à natureza e aos pássaros é algo que esteve presente toda a vida de Kristersson, sendo que o documentarista começou a filmar pássaros aos 13 anos porque queria «dar a conhecer aos outros aquilo que experienciava na natureza», disse em entrevista à *Notebook*. O realizador sueco dedicou a sua vida à conservação da natureza, mas também à realização de filmes que se debruçam sobre a vidas dos pássaros que existem na ou têm rotas migratórias pela costa da Suécia. **Falkens öga** (que se traduz como “o olho do falcão”), filme de Kristersson de 1998, segue um grupo de falcões, e **Ljusår** (“anos-luz”), de 2008, retrata os seres e objetos que habitam o seu jardim caseiro, para o qual tem vista da cozinha. Em **Pica Pica**, Kristersson documentou ao longo de três anos o quotidiano destas aves, espreitando pela folhagem e circunscrevendo o olhar e os planos aos seus gestos diminutos, umas vezes permitindo vistas panorâmicas pelo cenário em

redor, outras vezes deixando entrar na restrita *mise-en-scène* uns quantos humanos. Com a sua ausência de narração ou diálogos, o filme evita a antropomorfização das *pica pica*, bem como o facilitismo habitual de uma perspectiva tipo *National Geographic*. Na verdade, ocorre o inverso, em vez de se antropomorfizarem os pássaros, a tendência será para pôr os espetadores a pensar em como nos portaríamos se fôssemos um deles.

O filme tem uma estrutura cíclica. Acompanhamos as *pica pica* ao longo das estações do ano, de dia mas também de noite, sendo o início espelhado no fim. A primeira coisa que surge é o som do seu grasnar, ao mesmo tempo encantador e um tanto inquietante. Depois assoma uma massa escura de ramos e folhas de árvore e, após o título, chegamos ao ambiente no qual passearemos durante o filme. As aves notam-se, meio sumidas, os seus vultos no meio dos espaços habitados pelas pessoas que, também elas, seguem com o seu dia-a-dia. Porém, no meio dos sons da cidade, levantam-se os sons de pássaros, que se misturam com os da urbanidade até dominarem por completo a paisagem sonora do filme. As pegas pululam em sinalizações, telhados, antenas, galhos, relva, terra, alcatrão, com o seu corpo esbelto, barriga gordinha e cauda longa, penugens brancas, pretas e azuis. A cauda tem, em certos ângulos, tons verdes e, em pleno voo mostram a sua beleza na íntegra, abrindo as asas com as suas penas que parecem franjas brancas, como dedos de luvas. Às vezes, caminham simplesmente, inspecionando o que as rodeia com as mãos atrás das costas, como sentinelas. Outras vezes, os seus passos furtivos, escondidos, evitam atenções para melhor prosseguir com os seus afazeres.

Sendo o cinema de Kristersson um cinema de observação, isso não implica que não seja autoral por se fundamentar na relação pessoal e singular que o realizador tem com o objeto do seu filme e a sua corporalidade. Vemo-lo, por exemplo, em planos como quando a polícia passa e o pássaro (bandido) foge com o seu galho; quando a procissão de carros se equipara a uma dança; quando o senhor que, na sua máquina de varrer folhas, parece de repente deitar fora um maço de cigarros; ou quando faz um *slow motion*, curto mas deliberado, focando um gesto pequeno.

A mudança das estações é ténue. Mal damos por isso e já a neve cobre os carros, os passeios, a relva. Depois derrete, a noite entra, acordamos com as folhas verdes da primavera, chegam as flores, volta a neve, reparamos nas luzes de Natal. As zonas de recreio das *pica pica* mantêm-se, apenas mudam de roupagem. O tempo simplesmente passa. E como tudo é cíclico, voltamos a uma segunda temporada de neve, depois voltamos ao topo das árvores, e enfim voltamos às imagens e sons iniciais. *Same as it ever was*.

Ana Cabral Martins